

## Literatura. Cultura.

ROBERT BITTLESTONE (with James Diggle and John Underhill), *Odysseus Unbound: The Search for Homer's Ithaca*. Cambridge University Press, 2005. XXII + 598 pp. ISBN 978-0-0521-85357-6

Quando se fala de Ítaca na *Odisseia* de Homero, a que realidade geográfica se está a fazer referência? Pois um dado já há muito adquirido na filologia homérica é que a descrição da ilha no poema não corresponde à Itaca que hoje visitamos em qualquer cruzeiro pelo Mar Jónico (Ítaca essa onde, por sinal, não faltam «argumentos» turísticos a insistirem que estamos ali, efectivamente, na pátria de Ulisses). O problema tem como ponto nevrálgico os versos em que Ulisses revela a sua identidade ao Rei Alcínoo, em Esquéria: o herói fala da sua ilha como sendo a mais ocidental de um pequeno arquipélago, pouco elevada acima do nível do mar (*Od.* IX, 21-27). Ora esta descrição não se adequa, evidentemente, à ilha chamada Ítaca no moderno mapa da Grécia. Se, por um lado, a filologia homérica optou por contornar esta dificuldade afirmando que, contrariamente ao poeta da *Iliada*, que conhece bem a Tróade, o poeta da *Odisseia* nunca esteve em Ítaca (falando, portanto, dela como uma terra tão imaginária como as ilhas de Circe ou Calipso), a arqueologia, por outro lado, empenhou-se em tentar descobrir, desde o século XIX, localizações alternativas para a ilha de Ulisses. É precisamente nesta linha que se situa o livro em epígrafe, que identifica a Ítaca homérica com Paliki, a península ocidental da moderna ilha de Cefalénia, península essa que fora em tempos uma ilha separada de Cefalénia por um canal, para cuja existência há provas concretas na *Geografia* de Estrabão (10.2.8-15-16).

Com esta nova (e brilhante) identificação geográfica da Ítaca homérica, as descrições da ilha no poema fazem pleno sentido. Segundo a teoria apresentada, a Ítaca moderna seria a Dulíquio referida por Homero, o que de resto encontra abono em poetas romanos como Virgílio (*Buc.* 6,76) e Propércio (2.14.2), os quais documentam a bivalência dos topónimos «Ítaca» e «Delíquio» na Antiguidade. Como diz o moderno *Thesaurus Linguae Latinae, Supplementum, Nomina propria Latina* vol. III fasc. II (1989), p. 268, por Dulíquio deve entender-se «*insula prope Ithacam (uel Ithaca ipsa)*». A razão pela qual Dulíquio passou a ser conhecida como Itaca prende-se, segundo a tese de *Odysseus Unbound*, com a emigração em massa dos Itacenses da ilha para Dulíquio na sequência de convulsões telúricas, as quais determinaram também que a Ítaca homérica deixasse de ser uma ilha, para passar a península da vizinha Cefalénia. Note-se ainda que, em vários passos da *Odisseia* (nomeadamente no Canto XXIV), parece haver confusão entre os termos «Itacenses» e «Cefalénios».

O grande contributo científico de *Odysseus Unbound* é, pois, ter reunido elementos que comprovam a existência, na Antiguidade, do canal mencionado por Estrabão, donde se conclui que a moderna Paliki era, de facto, uma ilha quando a *Odisseia* foi composta. O livro tenta, porém, ir bastante mais longe. Robert Bittlestone não é helenista de profissão. Como Heinrich Schliemann, é alguém que pôde dispor de meios financeiros à medida do seu entusiasmo por Homero e embarcou numa viagem que, à partida, porventura nenhum homerista profissional empreenderia. O entusiasmo foi recompensado e justificado pelas provas geológicas de que existiu, de facto, o canal de Estrabão, mas o mesmo entusiasmo será, ao mesmo tempo, um calcanhar de Aquiles para muitos classicistas, que reagirão às ilações mais ousadas que Bittlestone extrai da sua descoberta com reserva, para não dizer mesmo cepticismo. É que a confiança depositada no texto da *Odisseia* leva a que se proponham localizações, em Paliki, para os locais mencionados na epopeia: o palácio de Ulisses, a criação de porcos de Eumeu, a quinta de Laertes, etc. Injusto seria não dizer que as propostas apresentadas por Bittlestone são extremamente atraentes, ilustradas com uma panóplia de fotografias e de mapas que, só por si, fazem deste livro uma preciosidade e um deleite para qualquer classicista. Mas quem se dedica mais profissionalmente ao estudo da epopeia homérica sabe que a interpretação de muitos elementos nos poemas não pode ser literal, pois há convenções de linguagem e de fórmulas poéticas que se sobrepõem constantemente àquilo que se pretenderia «factual». O real (se é que ele existe...) surge filtrado, na poesia homérica, pela plasmação das palavras em fórmulas. Aqui poder-se-ia dizer que o principal defeito de *Odysseus Unbound* é tanto a negligência do contributo das teorias oralistas de Milman Parry como das teorias analíticas da filologia alemã do Século XIX. Mas seria uma pena que as fragilidades filológicas deste livro magnificamente ilustrado e de leitura compulsiva levassem a que fosse descurado pela comunidade dos helenistas, pois não há dúvida nenhuma de que, na sua essência, *Odysseus Unbound* propõe algo de valor permanente.

FREDERICO LOURENÇO